

## Auto da Barca do Inferno, Texto adaptado.

Obra adaptada Ed.Moderna

### PERSONAGENS

ANJO – Barqueiro do Paraíso  
DIABO – Barqueiro do Inferno  
Companheiro do DIABO  
FIDALGO  
PAJEM do Fidalgo  
ONZENEIRO, Agiota  
PARVO, Bobo  
SAPATEIRO  
FRADE  
FLORENÇA, Companheira do Frade  
BRÍSIDA VAZ, Alcoviteira  
JUDEU  
CORREGEDOR  
PROCURADOR  
ENFORCADO  
Quatro CAVALEIROS

*No presente auto, se imagina que, no momento em que acabamos de expirar, chegamos subitamente a um rio que, por força, devemos cruzar em uma das duas barcas que naquele porto estão. Uma delas leva ao Paraíso; a outra, ao Inferno. Cada barca tem um barqueiro na proa: a do Paraíso, um anjo; a do Inferno, um diabo e seu companheiro.*

*O primeiro que surge é um Fidalgo, que chega com um pajem que lhe segura a longa cauda do manto e carrega uma cadeira.*

*E começa o barqueiro do Inferno, antes que o Fidalgo chegue.*

DIABO – (ao companheiro)  
À barca, à barca! Vamos lá!  
Que é mui boa a maré!  
Puxa a vela pra cá!

COMPANHEIRO - Feito! Feito!

DIABO – Bem está!  
Vai ali e, sem demora,  
estica bem aquela corda  
e libera aquele banco para a gente que virá.

À barca, à barca, uuh!  
Depressa! Temos que ir!  
Ah! Bom tempo de partir!  
Louvores a Belzebu!

Ora, pois, que fazes tu?  
Desocupa esse espaço!

COMPANHEIRO – É pra já! Pronto, está feito!

DIABO – Abaixa logo esse rabo!  
Deixa preparado o cabo  
E ajeita a corda de içar.

COMPANHEIRO- Vamos lá! Içar, Içar!

DIABO – Oh! Que caravela esta!  
Põe bandeiras, que é festa!  
*(vendo um Fidalgo que se aproxima)*  
Oh! Poderoso dom Henrique!  
Vós aqui? Que coisa é esta?

Vem o FIDALGO acompanhado de um rapaz com uma cadeira. Chegando á barca do Inferno, diz:

FIDALGO- Esta barca, que sai agora,  
Aonde vai tão preparada?

DIABO- Vai para a ilha danada  
E há de partir sem demora.

FIDALGO- Para lá vai a... senhora?

DIABO- *(corrigindo irritado)*  
Senhor!... A vosso serviço

FIDALGO- Isso parece um cortiço.

DIABO- Porque olhais lá de fora.

FIDALGO- A que terra passais vós?

DIABO- Para o inferno, senhor.

FIDALGO- *(irônico)*  
Hum! Terra bem sem sabor!

FIDALGO- E passageiros achais  
Para tal embarcação?

DIABO- Oras pois, tu és a cara  
Dessa embarcação!

FIDALGO- Parece-te mesmo assim?

DIABO- Onde esperas salvação?

FIDALGO- Eu deixo na outra vida  
Quem reze sempre por mim.

DIABO- Quem reze sempre por ti?  
Hi,hi,hi,hi,hi,hi,hi,  
Tu viveste a teu prazer  
Pensando aqui ter perdão  
Porque lá rezam por ti?  
Embarca já!

FIDALGO – *(apavorado)*  
Quê?! É assim que a coisa vai?

DIABO – *(impaciente)*  
Embarcai! Embarcai logo!  
Segundo o que lá plantastes  
Agora aqui recebereis.  
E como a morte já passastes,  
Passei agora este rio.

FIDALGO – Não há aqui outro navio?

DIABO – Não, senhor, que este reservaste,  
Pois tão logo morrestes....  
Tínheis me dado o sinal.

FIDALGO – *(confuso, sem compreender nada)*  
Sinal? Qual foi o sinal?

DIABO – A boa vida que levastes!

FIDALGO – *(dirigindo-se à barca do Paraíso)*  
A esta outra barca me vou.  
*(gritando para o Anjo que está na barca)*  
Olá! Pra onde partis?  
*(o Anjo não responde)*  
Ó barqueiro, não me ouvis?!  
Respondei-me! Olá! Hou!...  
Por Deus, mal arranjado estou...  
Mas isto agora é pior...  
Que bestas!... Não me entendem...

ANJO – *(aproximando-se)*  
Que mandais?

FIDALGO – Diga se a barca do paraíso  
É esta em que navegais?

ANJO – É esta. Que desejais?

FIDALGO – Que me deixeis embarcar.  
Sou de família nobre  
E é bom que me recolhas nesta tua barca.

ANJO \_ Não se embarca tirania  
nesta barca divinal.  
Para vossa fantasia  
bem pequena é esta barca!

FIDALGO – Para um senhor com minha marca  
não há aqui mais cortesia?  
*(arrogante)*  
Entrarei nem que seja na marra,  
levai-me ao paraíso!

ANJO – *(com firmeza e autoridade)*  
Não vindes vós de maneira  
para entrar neste navio.  
*(apontando para a barca do Inferno)*  
Esse outro vai mais vazio.  
A cadeira entrará *(apontando para o Fidalgo)*  
e o rabo caberá...  
E todo o vosso senhorio.  
Ireis lá mais espaçoso,  
Sois um tirano  
Desprezastes os pequenos,  
agora sereis tanto menos  
quanto mais fostes pretensioso.

DIABO – À barca, á barca, senhores! *(Arrastando o Fidalgo)*  
Oh! Que maré tão jeitosa!  
Uma brisa bem gostosa  
e valentes remadores!

*(cantarolando)*  
Virão todos às minhas mãos,  
Às minhas mãos todos virão.

FIDALGO – *(tristemente conformado)*  
Ao inferno!  
Ó triste!  
Enquanto vivi  
não pensei que ele existia,  
pensei que era fantasia.  
Gostava de ser adorado,  
e não vi que me perdia. *(se aproxima da barca desanimado e chorando, mas não entra)*

*(humildemente pede ao diabo)*  
FIDALGO – Dá-me licença, te peço,  
para ir ver minha mulher?

DIABO – (rindo) Ela, pra não te ver,  
se jogará de cabeça  
no fundo de um precipício... (gargalhando)  
Ainda hoje ela rezou,  
dando graças infinitas,  
pois de ti se libertou.

*(impaciente)*

Entraí, meu senhor, entraí!

*(ao companheiro do diabo)*

Arrume a ponte  
Para o precioso passar!

*(ao fidalgo)*

Coloque o pé!

FIDALGO – (entrando na barca, demonstrando tristeza)  
Entrarei, pois assim é que é...

DIABO – Ora, agora descansai,  
enquanto chega mais gente.

FIDALGO – (gritando) Ó barca, como és ardente,  
maldito quem aqui vai!

DIABO – *(ao rapaz, pajem do Fidalgo, com a cadeira)*

Tu não entras! Sai daqui!  
Que essa cadeira é demais.  
Coisa que esteve na igreja  
não se há de embarcar aqui

*(apontando o Fidalgo)*

Ele uma outra terá,  
uma outra de marfim,  
toda enfeitada de dores,  
com tantos e tais primores  
que estará fora de si...

*Carregando uma bolsa, vem um ONZENEIRO, isto é, um agiota, alguém que explora com juros abusivos aqueles que precisam de dinheiro emprestado. Aproxima-se da barca do Inferno e diz:*

ONZENEIRO – Para onde embarcais?

DIABO – Oh!  
onzeneiro, meu parente!  
Por que demoraste tanto?

ONZENEIRO – Mais quisera eu demorar...  
Mas na hora de lucrar,

de o dinheiro recolher,  
aconteceu-me... morrer!

DIABO – Ora, que muito me espanto  
Não trouxeste nenhum dinheiro?  
Cadê toda aquela riqueza que acumulaste na terra? (abraça o Onzeneiro)

ONZENEIRO – Pois nem para o barqueiro  
não me deixaram um tanto.

DIABO – Ora, entrai, entrai aqui!

ONZENEIRO – Aí não hei de embarcar!

DIABO – (*com ironia*)  
Oh! Que gracioso receio! (acolhedor e acariciando o Onzeneiro)

ONZENEIRO – Inda agora faleci, (humildemente)  
Deixa-me escolher o bate?

DIABO – Mas por João Pimentel! (com dúvida)  
Por que não irás aqui?

ONZENEIRO – E para onde é a viagem?

DIABO – Para onde deves ir. (impaciente)  
Estamos para partir,  
não gastes a tua linguagem.

ONZENEIRO – Mas pra onde é a passagem?

DIABO – Para a infernal comarca.

ONZENEIRO – Pois eu não vou nessa barca! (com determinação)  
(aponta para a barca do anjo)  
Essa outra tem mais vantagem.  
(*dirige-se à barca do Anjo*)  
Ó da barca! Olá! Hou!  
Está na hora de partir? (tenta entrar...)

ANJO – (faz gesto decisivo para não deixá-lo entrar)  
Não dê nem mais um passo!  
Aonde queres ir?

ONZENEIRO – Eu vou pro paraíso, oras pois.

ANJO – Não pense que eu estou  
a fim de aqui te levar.

(aponta para a outra barca)  
Essa outra te levará.

Vai lá com quem te enganou!

ONZENEIRO – Por quê?

ANJO – *(apontando para a bolsa)*

Porque esse bolsão

tomará todo o navio.

ONZENEIRO – Juro por Deus que vai vazio!

ANJO – Mas não o teu coração.

ONZENEIRO – *(lamentando-se)*

Na terra deixei, com a confusão,

Toda a minha riqueza... e também riqueza alheia.

ANJO – Ó ganância, como és feia,

e filha da maldição!

ONZENEIRO – *(voltando á barca do Inferno)*

Olá! Ó demo barqueiro!

Ainda tenho uma esperança,

quero lá tornar ao mundo

e trazer o meu dinheiro,

pois o outro marinheiro...*(referindo-se ao Anjo)*

ao me ver chegar sem nada

me insulta e não me deixa embarcar lá!

DIABO – Entra e remarás! (furioso)

Não percamos mais maré!

ONZENEIRO – Por favor, não me leve, é que... (chorando)

DIABO – (impaciente interrompe-o) O que é?

(segura com força o Onzeneiro e o conduz à barca)

Querendo ou não, entrarás!

Irás servir Satanás,

pois sempre ele te ajudou.

ONZENEIRO – *(desesperado)*

Oh! Triste, quem me cegou?!

DIABO – Cala-te!

Guarda tuas lágrimas,

Teu sofrimento nem começou. (rindo)

ONZENEIRO – *(entrando, vê o Fidalgo, tira o gorro em sinal de reverência e diz:)*

Santa Joana de Valdês! (é uma antiga prostituta da época)

Aqui, vossa senhoria?!

FIDALGO – *(raivoso parte pra cima do Onzeneiro)*

Seja gentil comigo!  
Com quem pensas que estás falando?

DIABO – *(interferindo abruptamente na conversa e dirigindo-se ao Fidalgo)*  
O quê? Ser mais gentil contigo?  
Vós, fidalgo, o que pensais?  
Que estais em vossa pousada?  
Vos darei tanta pancada  
que então, sim, vos zangareis!

*Vem Joane, um PARVO, isto é, um homem tolo, sem malícia. Aproxima-se da barca do Inferno e diz ao DIABO:*

PARVO – Hou, hou, da barca!

DIABO – Quem é?

PARVO – Sou eu. Esta barca é nossa ?

DIABO – De quem?

PARVO – Dos tolos.

DIABO – É vossa. Entrai.

PARVO – Como? De pulo ou de voo? (pulando e voando)  
Oh! Pesar de meu avô!  
Enfim, eu adoeci  
e por azar... eu morri!

DIABO – De que morreste?

PARVO – De quê?  
Acho que de caganeira.

DIABO – De quê?

PARVO – De caga-merdeira!

DIABO – Entra, põe o pé na madeira. (aponta pra ponte)

PARVO – Ah, não! A barca poderá virar!

DIABO – Entra, seu tolo, embarca!  
Ou perdemos a maré!

PARVO – Espera, espera! (paciente)  
E onde vamos nos meter?

DIABO – No porto de Lúcifer.

PARVO – O quê?

DIABO – No inferno, entra cá.

PARVO – No inferno? Sai pra lá!  
(insultando o Diabo)  
Hu! Hu! Barca do cornudo!  
O que é que há seu beçudo?!  
Seu cara de carrapato!  
Hu! Hu Caga no sapato,  
filho de uma mentirosa!  
Tua mulher é tinhosa  
e há de parir um sapo  
grudado no guardanapo! (gargalhando)  
Excomungado nas igrejas,  
seu burrão, cornudo sejas!  
Toma o pão que te caiu,  
a mulher que te fugiu,  
o demo que te pariu!  
Hu! Hu! Hu Cara amarela!  
Hu! Hu! Hu! Caga na vela!

*(dirige-se à barca do Anjo e diz:)*  
Ó da barca!

ANJO – O que queres?

PARVO – Quereis me passar além?

ANJO – Quem és tu?

PARVO – Não sou ninguém.

ANJO – Tu passarás, se quiseres,  
porque em todos teus fazeres  
por malícia não erraste.  
Tua simplicidade basta  
para gozar dos prazeres.

Mas espera por aí,  
veremos se vem alguém,  
merecedor de tal bem,  
que deva entrar aqui também.

*Vem então João Antão, um SAPATEIRO, carregando o avental, as forminhas e os instrumentos de trabalho. Aproxima-se da barca do Inferno e diz:*

SAPATEIRO – Ó da barca!

DIABO – Quem está aí?

Santo sapateiro honrado!  
Como vens tão carregado!

SAPATEIRO – Mandaram-se vir assim...  
Mas para onde é a viagem?

DIABO – Para o lago dos danados.

SAPATEIRO – E os que se confessaram antes de morrer?  
Onde têm a sua entrada?

DIABO – Quê?! Sem conversa fiada,  
que esta é tua barca, esta!

SAPATEIRO – Não quero saber da festa,  
nem da barca nem do embarque!  
Como pode isso ser?  
Morri como se deve morrer,  
Confessado e comungado!

DIABO – Tu morreste amaldiçoado,  
e não quiseste dizer.  
Roubaste bem trinta anos  
o povo com teu ofício.

*(Impaciente)*  
Embarca já, infeliz!  
Que há muito que te espero!

SAPATEIRO – Pois eu não quero, não quero!

DIABO – E eu digo que sim, que sim!

SAPATEIRO – Quantas missas eu ouvi!  
Elas não vão me ajudar?

DIABO – Ouvir missa, mas... roubar?  
É caminho para aqui.

SAPATEIRO – E as esmolas e as ofertas?  
As preces pelos finados?  
Tudo isso não vale, não?

DIABO – Mas do dinheiro roubado  
Não deste satisfação!...

SAPATEIRO – Mas que grande confusão!  
Não quero saber de nada!  
É uma puta trapalhada  
em que se vê aqui João Antão!

*(vai à barca do Anjo e diz:)*

Oh, da santa caravela,  
Podereis levar-me nela?

ANJO – *(apontando para as coisas que ele carrega)*

Tua carga te embaraça.

SAPATEIRO – Mas não há favor de Deus?

*(tentando de desfazer das coisas que traz, diz)*

Isto em qualquer canto irá.

ANJO – *(apontando a barca do Inferno)*

É a barca que lá está  
que leva ladrão descarado!  
Ó almas embaraçadas!

SAPATEIRO – *(irritado)*

Ora, pra que tanta história  
com essas forminhas cagadas,  
que podem ir amontoadas  
num canto, de qualquer jeito!

ANJO – Tivesses vivido direito,

já estariam embarcadas.

SAPATEIRO – *(angustiado)*

Pois então determinais  
que eu vá cozinhar no inferno?!

ANJO – *(severo)*

Teu nome está no caderno  
dos registros infernais..

SAPATEIRO – *(voltando resignado á barca dos condenados)*

Ó barqueiros! Que aguardais?

Vamos, venha a prancha logo

e levai-me àquele fogo!

Não nos detenhamos mais!

*Vem um FRADE trazendo pela mão uma Moça chamada Florença. Na outra mão, carrega um pequeno escudo e uma espada. Por baixo do capuz, tem um capacete de combate. Vem todo alegre, fazendo passos de **dança e cantarolando.***

FRADE – Tai-rai-rai-rã! Tai-ra-rá!

Tai-rai-rai-rã! Tai-ra-rá!

Tai-ra-ra-rim-rim-ta-rá!

DIABO – *(aproximando-se)*

Que é isso, padre? Que vai lá?

FRADE – *Deo gratias!* Sou cortesão!

DIABO – E sabeis também cantar  
e dançar lá no salão?

FRADE – Por que não? Claro que sei!

DIABO – Pois, entrai! Eu tocarei  
E faremos um festão.

*(olhando para a Moça que acompanha o Frade)*  
Essa dama, ela é vossa?

FRADE – Por minha a tenho eu  
e sempre a tive de meu.

DIABO – Fizestes bem, que é um encanto!  
E ninguém vos censurava  
no vosso convento santo?

FRADE – Pois se eles fazem outro tanto...

DIABO – Que coisa tão preciosa!  
*(fazendo uma reverência irônica)*  
Entraí, padre reverendo!

FRADE – Para onde levais a gente?

DIABO – Para aquele fogo ardente  
Que não temeste vivendo.

FRADE – Juro a Deus que não te entendo!

*(apontando para a roupa)*  
E este hábito, não me vale?

DIABO – Ó gentil padre mundano,  
a Belzebu vos encomendo!

FRADE – *(surpreso)*  
Corpo de Deus consagrado!  
Pela fé de Jesus Cristo  
Que eu não posso entender isto!  
Eu hei de ser condenado?  
Um padre apaixonado  
e tanto dado à virtude!  
Que Deus me dê em saúde!

DIABO – Mas chega de fazer hora!  
Embarcai e partiremos.  
Tomareis um par de remos...

FRADE – Não ficou isso acertado...

DIABO – Pois já está data a sentença! (conduz o Frade à barca)

FRADE – Por Deus!

Não vai nessa caravela  
minha senhora Florença...

Como?! Por ser namorado  
e folgar com uma mulher,  
um frade há de se perder,  
com tanto salmo rezado?!

DIABO – Ora, estás bem arranhado!

*(O FRADE descobre a cabeça e, tirando o capuz, aparece o capacete para pratica de esgrima.  
Diz ele ☺)*

FRADE – Mantenha Deus esta coroa!

DIABO – Oh, padre, Frei Capacete,  
Dê lição de esgrima, que é coisa boa.

*Começa o FRADE a dar lição de esgrima com a espada e o escudo, mostrando golpes e dizendo:*

FRADE – *(entusiasmado)*  
Esgrimar! Isso me agrada!

Levante bem a espada! (Diabo e Frade lutam por alguns instantes)  
Metei o diabo na cruz

DIABO – Que valentes estocadas!

FRADE – Isto ainda não é nada...  
Vamos, mais uma avançada!

*(Para com a esgrima e toma a Moça Florença pela mão, dizendo:)*  
Vamos à barca da Glória!

*Dançando e cantarolando, o FRADE e a Moça vão até a barca do Anjo.*

FRADE – *(ao Anjo)*  
*Deo gratias!* Há lugar  
Para minha reverência?  
E a senhora Florença,  
por ser minha, pode entrar?

PARVO - *(aproximando-se)*  
Chegastes em hora má!  
Furtaste este facão, frade?

FRADE – *(desesperançado, pois o Anjo nem responde)*

Acho, senhora, em verdade,  
que o caso perdido está.  
Vamos aonde temos de ir.  
Não quer Deus esta ribeira!  
Não vejo outra maneira  
senão enfim... desistir!

DIABO – *(de longe, chamando)*

Padre, haveis logo de vir?

FRADE – Sim, passai-me lá Florença  
e cumpramos a sentença.  
É a hora de partir.

*Depois que o FRADE embarcou, vem BRÍSIDA VAZ, uma Alcoviteira, isto é, uma mulher que vivia da prostituição de moças. Chegando à barca do Inferno, diz:*

BRÍSIDA - Olá da barca, olá.

DIABO – Quem chama?

BRÍSIDA – Brísida Vaz.

DIABO – *(dirigindo-se a Brísida)*

Entraí vós e remareis.

BRÍSIDA – Não quero eu entrar lá!

DIABO – *(irônico)*

Que medinho saboroso!...

BRÍSIDA – Não é nesta barca que embarco.

DIABO – E trazeis vós muito fardo?

BRÍSIDA – O que me convém levar.

DIABO – O que é que haveis de embarcar?

BRÍSIDA – Muitas falsas virgindades  
e três arcas de feitiço,  
arcas tão carregadinhas!  
Três armários de mentir  
alguns furtos alheios,  
jóias de vestir  
e guarda roupa de encobrir.  
Enfim –  
um estrado de cortiça,  
com almofadas de iludir.  
Mas a maior carga são

essas moças que vendia.

DIABO – *(mostrando a barca)*

Ora, ponde aqui o pé!

BRÍSIDA – Que?! Vou para o paraíso!

DIABO – E quem te disse isso?

BRÍSIDA – Lá hei de embarcar,

pois uma heroína sou eu.

Açoites tenho levado,

e tormentos suportados.

Fosse eu ao fogo infernal,

então iria todo o mundo!

*Chegando à barca da Glória, diz ao ANJO:*

BRÍSIDA – Barqueiro, mano, meu velho,

Leve a Brísida Vaz.

ANJO – Não sei quem é que te traz.

BRÍSIDA – Eu vos peço! *(ajoelhando-se)*

Pensais que trago piolhos,

Anjo de Deus, minha rosa?

Sou Brísida, a preciosa,

que dava moças aos montes,

a que criava as meninas

para os cônegos da Sé...

Passai-me, por vossa fé,

meu amor, minha florzinha,

olhos de perolazinha!

Pois eu fiz obras bem divinas.

Santa Úrsula não converteu

tantas donzelas como eu,

e todas salvas por mim,

que nenhuma se perdeu.

E quis Aquele do Céu

que todas achassem dono.

Pensais que eu dormia sono?

Nada, nada se perdeu!

ANJO – *(apontando a outra barca)*

Ora vai lá embarcar!

Não fiques me importunando.

BRÍSIDA – Pois eu estou explicando

por que me haveis de levar.

ANJO – *(com firmeza)*

Pare de me importunar,  
que não podes ir aqui.

BRÍSIDA – *(desesperançada)*

Em que má hora eu servi!  
Pois não me há de aproveitar!

*Volta BRÍSIDA VAZ à barca do Inferno, dizendo:*

BRÍSIDA - Ó barqueiros de má hora,  
ponde a prancha que eu me vou.  
O destino me marcou  
e mal me sinto aqui fora.

DIABO – Ora, entrai, minha senhora,  
e sereis bem recebida...  
Se vivestes santa vida,  
vós o sentireis agora.

*Assim que BRÍSIDA VAZ embarcou, vem um JUDEU com um bode às costas. Chegando ao batel dos danados, diz ao DIABO:*

JUDEU – Que vai lá, ó marinheiro?

DIABO – Em que má hora chegaste!

JUDEU – Que barca é esta que arrumaste?

DIABO – Esta barca é do barqueiro.

JUDEU – Passai-me, tenho dinheiro. (põe a mão no bolso e de lá retira o dinheiro)

DIABO – O bode também há de vir?

JUDEU – O bode também há de ir.

DIABO – *(com ironia)*

Oh! que honrado passageiro!...

JUDEU – Sem bode, como irei lá?

DIABO – Pois eu não passo cabrões!

JUDEU – Eis aqui quatro tostões  
e mais poderei pagar  
se me passais o cabrão.  
Quereis mais outro tostão?

DIABO – Pois nem tu vais embarcar.

JUDEU – *(olhando para dentro da barca)*  
Não irá o judeu aonde vai Brísida Vaz

FIDALGO (gritando)  
\_ Vem, entra cá, judeu.

*(Dirige-se ao Fidalgo)*  
O senhor fidalgo quer?  
Então, senhor, irei eu?

DIABO – *(furioso)*  
Por acaso foi o fidalgo quem lhe deu  
o mando deste navio?

JUDEU – *(ao Fidalgo)*  
Corregedor, coronel,  
castigai este imbecil!

*(apontando para o Diabo)*  
Desgraça, pedra miúda,  
lodo, pranto, fogo, lenha,  
caganeira que te venha,  
diarréia que te acuda!  
E por Deus, que te sacuda  
com a barca nos focinhos!  
Fazes zombaria dos trabalhadores do bem?  
Dize, filho de uma cornuda!

PARVO – *(aproximando-se da barca, fala ao Judeu)*  
Furtaste a cabra, cabrão?  
Vós me pareceis, malandro,  
um grande dum gafanhoto.

DIABO – *(apontando a outra barca)*  
Judeu, lá te levarão,  
Que vão mais descarados.

PARVO – E ele mijou, nos finados,  
Na igreja de São Gião!  
Comeu carne de panela  
no dia de Nosso Senhor!

DIABO – *(impaciente)*  
Ora, vamos! À barca, à barca!  
Judeu, vós sois má pessoa.  
Ireis então a reboque.

*Vem um CORREGEDOR, isto é, um juiz, carregado de autos e processos e com uma vara na mão. Chegando à barca do Inferno diz:*

CORREGEDOR – Ó da barca!

DIABO – Que quereis?

CORREGEDOR – Está aqui o senhor juiz.

DIABO – Ó amigo,  
que bela carga trazeis!  
– Como vai lá o Direito?

CORREGEDOR – Nestes autos o vereis.

DIABO – Ora, pois, entrai. Veremos  
o que diz esse papel...

CORREGEDOR – E aonde vai esse batel?

DIABO – No inferno vos poremos.

CORREGEDOR – (*indignado*)  
Como?! À terra dos demos  
há de ir um corregedor?!

DIABO – (*com ironia*)  
Santo “descorregedor”,  
embarcai e remaremos!  
Ora, entrai, já que viestes.

CORREGEDOR – Isto não é justo, não!  
Não é de *regulae júris*, não!

DIABO – Sim, sim, *ita, ita!* Daí cá a mão! (segura a mão do Corregedor)  
Remareis um remo destes.  
Faz de conta que nascestes  
para nosso companheiro.

(*para o assistente*)  
E tu, preguiçoso, ora essa!  
**Manda a prancha bem depressa!**

ASSISTENTE DO DIABO  
(cumpre a ordem imediatamente) \_ O senhor manda, eu executo, majestade!

CORREGEDOR – Oh! Recuso essa viagem  
e quem me há de levar!  
Há cá um oficial do mar?

DIABO – Não tenho esse costume.

CORREGEDOR – Não entendo o que está acontecendo,  
nem isso não pode ser,

*Hoc non potest esse.*

DIABO – (ri) E agora vos parece  
que não sei falar outra língua?!  
Entraí, entraí, corregedor!

CORREGEDOR – Oh! *Videtis qui petatis!*

DIABO – Quando éreis ouvidor  
(*com ênfase no latim*)  
*non accepistis propina?*  
Pois agora é vossa sina,  
seguir-me aonde eu for.

(*olhando para os processos do Corregedor*)  
Oh! Que isca é esse papel  
para um fogo que eu conheço!...

CORREGEDOR – Meu Deus, lembra-te de mim!  
*Domine, memento mei!*

DIABO – Tempo não há, bacharel!  
*Non es tempus, bacharel!*  
*Imbarquemini in batel,*  
pois **julgastes** com malícia.

CORREGEDOR – Sempre agi com justiça,  
*Semper, semper in justitia*

DIABO – E o dinheiro dos judeus  
que vossa mulher pegava?

CORREGEDOR – Com isso não me ocupava,  
não eram problemas meus.  
Não são, pois, meus pecados,  
esses pecados são dela.

DIABO – E vós pecastes com ela,  
não temestes nem a Deus,  
e muito enriquecestes  
com o sangue dos lavradores,  
ignorantes pecadores.  
Por que não os atendestes?

CORREGEDOR – (*irônico*)  
Vós nunca lestes, barqueiro,  
que move pedras o dinheiro?  
O direito então se cala  
e a justiça nada fala...

DIABO – (*raivoso*)

Pois juntai-vos aos condenados!  
Ireis ao lago dos cães  
e vereis os escrivães  
como estão tão prosperados...

*Aproxima-se nesse instante um PROCURADOR da justiça carregado de livros, e diz o CORREGEDOR a ele:*

CORREGEDOR – Ó senhor procurador!

PROCURADOR – Beijo-vos as mãos, juiz!  
Que diz o barqueiro, que diz?

DIABO – (*zombando*)  
Que sereis bom remador.  
Entraí, bacharel doutor,  
que ajudareis ligeiro.

PROCURADOR – (*ao Corregedor*)  
E ainda zomba este barqueiro?

(*ao Diabo*)  
E brincais de zombador?  
E essa gente que aí está  
para onde a levais?

DIABO – Para as terras infernais.

PROCURADOR – Pois eu não vou para lá.  
Outro navio aqui está  
muito melhor preparado.

DIABO – Ora estais bem arranjado!...  
Entraí agora, entraí já!

CORREGEDOR – (*ao Procurador*)  
Confessaste-vos, doutor?

PROCURADOR – Bacharel sou... Por meu mal  
não pensei que era fatal  
ou de morte minha dor.  
E vós, senhor corregedor?

CORREGEDOR – Eu bem que me confessei,  
mas tudo quanto roubei  
escondi do confessor...

PROCURADOR – Porque sem propina,  
não querem absolver,  
e é muito ruim devolver

aquilo que temos na mão.

DIABO

(ao corregedor)

\_Por que não quereis embarcai?

CORREGEDOR – Porque esperamos em Deus...

*Quia speramus in Deo.*

DIABO – (*zombeteiro*)

*Imbarquemini in barco meo,*

para que *esperatis* mais?

*Vão ambos à barca da Glória e, chegando, diz o CORREGEDOR ao ANJO:*

CORREGEDOR – Barqueiro dos gloriosos,

passai-nos nesse batel.

ANJO – (*olhando os processos e os livros que eles trazem*)

Oh! homens odiosos!

Não honraram seus cargos

Condenaram inocentes

E livraram criminosos!

Com seus atos ilícitos!

CORREGEDOR – Oh, *misericórdia*, clemência!

Passai-nos como vossos.

PARVO – (*que está por perto*)

Ó homens dos manuais,

que na justiça mijais!

CORREGEDOR – Oh, não nos sejais contrários,

Pois não temos outra ponte!

PARVO – (*como se procurasse alguém*)

Onde estão os oficiais

para levar esses dois?

ANJO – A justiça divinal

vos manda vir carregados

porque sereis embarcados

naquela barca infernal.

CORREGEDOR – Oh! Livrai-nos São Marçal

de tal ribeira e tal rio!

DIABO – (*interrompendo-o bruscamente*)

Entraí, sem mais delongas!...

## Centro de Ensino Médio 02 do Gama

*Entram no batel dos condenados e diz o CORREGEDOR ao ver BRÍSIDA VAZ, porque a conhecia:*

CORREGEDOR – Ora, ora, aqui está,  
senhora Brísida Vaz!

BRÍSIDA – Nem aqui eu tenho paz!...  
Lá, sempre por vós vigiada,  
toda hora sentenciada:  
“Manda a justiça fazer...”

CORREGEDOR – E vós... sempre a tecer  
e a tramar outra confusão. (entra na barca)

BRÍSIDA – *(olhando ao longe)*  
Senhor juiz, dissei-me vós,  
vem lá Pero de Lisboa?  
Vamos levá-lo... essa é boa!  
aqui bem junto de nós.

*Vem um ENFORCADO e, chegando ao batel dos mal-aventurados, é, recebido pelo barqueiro, que lhe diz:*

DIABO – Em boa hora, enforcado!  
Que diz lá Garcia Moniz?

ENFORCADO – Eu vos direi o que ele diz:  
que fui bem aventurado,  
que, pelos furtos que fiz,  
sou santo canonizado,  
pois morri dependurado  
como morre uma perdiz.

DIABO – Entra cá, governarás  
até as portas do inferno.

ENFORCADO – *(surpreso)*  
Não é essa nau que governo...

DIABO – Mando-te eu: aqui irás! (irado)

ENFORCADO – Oh! não! Não! Por Barrabás!  
Me disseram  
que os que morrem como eu fiz  
são livres de Satanás!...

DIABO – Dava-te consolação  
isto, ou algum reforço?

ENFORCADO – Com a corda no pescoço  
pouco serve a pregação,

e quem há de balançar  
não quer saber de sermão.

DIABO – Entra, entra no batel,  
que para o inferno hás de ir.

ENFORCADO

Ora, já cumpri meu fado,  
agora não sei o que é isso  
Não me falaram sobre isso,  
nem barqueiro, nem barqueira,  
mas apenas em paraíso!  
E isso em bom juízo,  
e que era santo o meu laço...  
mas não sei o que aqui faço,  
onde está o paraíso?

DIABO – Falaram-te do purgatório?

ENFORCADO – Disseram que era a prisão,  
que também por nós se implora  
naquele sermão derradeiro.  
E que era bem notório  
que os castigos aplicados  
valiam preces de finados  
e missa de São Gregório  
capazes de abreviar  
as penas do purgatório...

DIABO – Quero-te desenganar:  
se isso fosse verdade  
poderias te salvar...

*(dirigindo-se a todos os que estão na barca)*

Eia, todos! Apear!  
Que está no seco o batel.  
Doutor, fidalgo – empurrar!  
E vós também, frei Gabriel!

Música para a entrada dos cavaleiros

*Vêm Quatro CAVALEIROS cantando e cada um traz a Cruz de Cristo. Por Ele e pela expansão da santa fé católica morreram os cavaleiros em poder dos mouros. Vêm absolvidos de culpa por privilégio que têm os que assim morrem, outorgado por todos os Sumos Pontífices da Santa Madre Igreja. E a cantiga que cantavam é a seguinte:*

CAVALEIROS – À barca, à barca segura,  
barca bem guarnecida,  
à barca, à barca da vida!  
Senhores que trabalhais  
pela vida transitória,  
memória, por Deus, memória

deste temeroso cais!  
À barca, à barca, mortais!  
barca bem guarnecida,  
à barca, à barca da vida!  
Vigiai-vos, pecadores,  
que, depois da sepultura,  
neste rio está a ventura  
de prazeres ou de dores!  
À barca, á barca, senhores,  
barca muito enobrecida,  
à barca, à barca da vida!

*E passando diante da barca dos danados assim cantando, com suas espadas e escudos, dirige-se a eles o barqueiro da perdição, dizendo:*

DIABO – Cavaleiros, vós passais  
para onde? Não dizeis?

CAVALEIRO 1 – E vós, Satã, que quereis?  
Olhai bem com quem falais!

CAVALEIRO 2 – E vós que nos perguntais  
sequer conheceis quem vem.

CAVALEIRO 3 \_ Morremos lutando nas Cruzadas.

CAVALEIRO 4 \_ E não queirais saber mais.

DIABO – Entrai cá? Que coisa é essa?!  
Eu não posso entender isto!

CAVALEIRO 1 – Quem morre por Jesus Cristo  
não vai em barca como essa!

*Prosseguem os CAVALEIROS cantando, em direção à barca da Glória. Quando chegam, diz o ANJO:*

ANJO – Ó cavaleiros de Deus,  
a vós estou esperando,  
que morrestes pelejando  
por Cristo, Senhor dos Céus!  
Sois livres de todo o mal,  
mártires da Madre Igreja,  
que quem morre em tal combate  
merece paz eternal!

*E assim embarcam os CAVALEIROS.*

FIM.